

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2014

Quem somos, o que pensamos, o que sabemos, o que queremos.

Um dia, em um bairro pobre, brotou do chão um conjunto de madeira com folhas. Conforme toda aquela casca crescia, os planos dos moradores sobre o que fazer com aquele corpo também tentavam alcançar as alturas. João via plantada no chão uma cadeira, Maurício jurava que aquilo ia virar papel, mas provavelmente ia acabar tudo como carvão - como dizia Pedro. De fato, ninguém via ali o que realmente era aquela junção de madeiras e folhas: uma árvore.

Assim também são a infância e a adolescência: a árvore que ninguém percebe que produz sombra e frutos.

Há cultura nessa árvore, que só cresce, mas precisa-se de afeto, porque toda planta precisa; precisa-se de água e incentivo, uma chuva, de preferência. Acrescentemos de vez, então, uma tempestade, com ventos tão fortes, que derrubem o preconceito e a desigualdade, que transmitam o conhecimento e levem a poesia e a dança, o teatro e o abraço, à história de uma criança.

É necessário que a árvore, por maior que seja seu valor no mercado, tenha toda a liberdade para crescer, sem que já seja cortada almejando um futuro.

No entanto, em algum momento, a infância se distancia de uma árvore, porque enquanto a planta não escolhe, a juventude quer e pode escolher, e isso graças às suas memórias de vida. Não cabe a nenhuma juventude anterior decidir o que a juventude atual deve se tornar.

Essa pequena história é para ajudar a dizer:

Pensamos que o objetivo da vida não é ser adulto, que a juventude é um marco de possibilidades, mas que nós, jovens, somos invisíveis para nos expressarmos em relação à realidade. A adolescência é muitas vezes considerada como o meio do caminho, não há incentivo para vivê-la plenamente. Então os jovens só têm a opção de ser adultos rapidamente, pois ser criança, aparentemente, seria regredir na vida.

Pensamos que o jovem e a criança não apenas se alimentam de cultura, mas também produzem, fazem parte dela. No entanto... por que grande parte dos programas culturais nos subestimam? Medo do que possamos vir a ser?

Pensamos que em uma sociedade capitalista como a nossa é difícil ser notado se não produzimos dinheiro. Somos parte da população economicamente inativa do Brasil, mas queremos reconquistar a identidade de uma juventude participativa, como aconteceu 50 anos atrás, quando os jovens resistiram a um governo. Só que para isso nossa voz não pode ser silenciada.

Sabemos que a escolaridade obrigatória no Brasil, de certa forma, nos iguala. Mas não é suficiente, todos têm que ter o direito a uma boa escola. E que seja pública, ninguém deveria precisar pagar para ter uma boa educação. Nem todos têm como pagar uma boa escola. E o que seria uma boa escola? Mais do que ensinar conteúdos básicos, uma escola precisa ter espaço para debates, filmes, leituras, experiências artísticas. A educação musical, por exemplo, ajuda o desenvolvimento pessoal e o desempenho escolar, deveria estar presente, e de várias formas. Não queremos uma escola apenas para passar de ano, ir bem na prova, no Enem... Queremos uma escola para aprender a conversar, a conhecer e gostar de novas coisas; aprender que nem sempre há uma única coisa certa. Uma escola para aprender a pensar. E nós não queremos aprender essas coisas para usar no futuro, queremos para agora.

Sabemos que não existe uma cultura única, melhor, mais correta. Ou todos somos cultos ou nenhum de nós é. Precisamos e queremos a valorização de todas as culturas igualmente. Queremos a construção de Centros Culturais da Juventude, onde jovens, adolescentes, crianças, de todos os tipos, classes, etnias, possam expressar suas culturas sem preconceitos, produzindo, divulgando, compartilhando suas produções artísticas. Queremos uma atitude para que Ipanema e Itacema sejam igualmente celebradas. O melhor desse projeto é que nós, os jovens, seríamos os autores e organizadores desses Centros Culturais.

Sabemos também que para os jovens poderem se conhecer, trocar, circular, é preciso cuidar de outras coisas. Por exemplo: do transporte público; da existência de mais ciclovias e com segurança. Queremos andar nas ruas sem medo, com autonomia e liberdade. Para que possamos trocar, conhecer outros espaços culturais, aqueles que não estamos acostumados a viver, é imprescindível que as condições de locomoção melhorem. Ou seja, é difícil haver troca cultural se as pessoas não podem sair de seu lugar, se não têm dinheiro, condições, possibilidades.

Queremos poder descobrir coisas novas, diferentes das que já conhecemos. Nosso descontentamento é com o não reconhecimento de nossa importância agora. Queremos ser ouvidos, queremos ser vistos e não ignorados.

Não se trata de nos acharmos mais importantes, queremos é ser tratados de maneira respeitosa e digna. Queremos uma condição mais cidadã, pelo menos em nossa cidade, porque acreditamos que a realidade está em nossas mãos.

Só depende de nós, cidadãos e governantes, transformá-la. Afinal, somos tão jovens.

Coletivo de estudantes da Escola Sá Pereira